

Versão Online ISBN 978-85-8015-093-3  
Cadernos PDE

VOLUME I

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE  
NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE  
Artigos

2016

# A CANÇÃO POPULAR BRASILEIRA COMO FERRAMENTA DIDÁTICO-PEDAGÓGICA PARA O ENSINO DE FILOSOFIA

Hermes João Lopes Dias<sup>1</sup>

Fabio Antônio da Silva<sup>2</sup>

**RESUMO:** Desde o momento em que a filosofia passou a fazer parte do currículo do ensino médio, como disciplina obrigatória, as questões sobre o seu ensino, as metodologias de aplicação e legitimação da filosofia tornaram-se prementes. Esta proposta de estudos do Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE, desenvolve, nesse contexto, um modo de *ensino dos conteúdos da Disciplina de Filosofia a partir de canções populares brasileiras*, ensejando assim uma hipótese para as questões supracitadas: usando um meio de expressão mais próximo do público alvo como método de sensibilização e legitimando a filosofia, com esse uso, como algo presente, para além dos textos clássicos, na vida dos estudantes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Canções; Ensino; Filosofia.

## 1 INTRODUÇÃO

O presente artigo procura apresentar os resultados da Implementação do Projeto de Intervenção na Escola, intitulado: “A canção popular brasileira como ferramenta didático-pedagógica para o ensino de Filosofia”, como parte das atividades do Programa de Desenvolvimento Educacional - PDE, turma de 2016, ofertado pelo Governo do Estado do Paraná, através da Secretaria de Estado da Educação – SEED, em parceria com a Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Unioeste.

---

1 Professor de Filosofia e História da rede estadual de Educação do Paraná, no Colégio Estadual do Campo Heitor Cavalcanti de Alencar Furtado, do Distrito de Jotaesse e Colégio Estadual Vinícius de Moraes, da sede do Município de Tupãssi. E-mail: hermes.dias@escola.pr.gov.br

2 Professor Me. Orientador do PDE pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – campus de Toledo. Email:fabioasilva1983@gmail.com

As manifestações artísticas influenciam a vida das pessoas e a canção é uma forma de expressão de arte que está presente no dia a dia da maioria. A observação dos alunos no ambiente escolar, e até mesmo fora dele, revela como é constante o uso de aparelhos eletrônicos reprodutores de sons, com os quais os jovens ouvem os mais variados estilos musicais. Essa constatação acabou se tornando base para a Intenção de Pesquisa apresentada na ocasião do ingresso no curso. Afinal, muitas composições, sejam as mais antigas e/ou as mais atuais, encantam, envolvem e, mesmo sem terem intenções explicitamente formativas, ensinam. Algumas nos levam à reflexão de situações concretas da vida, questões que correspondem a conteúdos diretos da Filosofia e/ou suas áreas de discussão. Com efeito, podem ser utilizadas como instrumento didático-pedagógico para o trabalho escolar.

Evidentemente, poucos são aqueles que, consciente e propositalmente se põem discutir qualquer aspecto da vida, da filosofia, em razão do conteúdo em alguns versos musicais. De forma geral, em uma canção é a sonoridade que cativa e não o conteúdo de suas letras (como ocorre com canções em língua estrangeira). Por que não despertar junto aos alunos o interesse em observar e discutir o conteúdo das letras e, ao mesmo tempo, aprender filosofia? Com isto, esta importante área do saber, nascida entre os gregos antigos, pode ser aproximada da realidade dos estudantes. Ou ainda, fazendo a filosofia ter sentido na vida do estudante.

O objetivo geral do trabalho foi favorecer a melhoria da aprendizagem na Disciplina de Filosofia no Ensino Médio a partir da utilização da canção popular brasileira. Além disto, o trabalho buscou, especificamente, conhecer a realidade sociocultural dos estudantes, a partir da identidade cultural/musical dos mesmos; apresentar relação entre os conteúdos da Disciplina de Filosofia e as canções; possibilitar a utilização da canção como recurso didático para o aprendizado da Filosofia; favorecer ao estudante o conhecimento e a criação de conceitos filosóficos; e, por fim, promover a canção como forma de sensibilização dos estudantes, estimulando uma leitura crítica das ideias presentes nas letras das canções.

Ao longo do ano letivo de 2016, com o início das atividades do Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE, o Projeto de Intervenção Pedagógica e a Produção Didático Pedagógica passaram a ser construídos formalmente. As atividades foram pensadas para a execução junto às turmas do Ensino Médio, em

especial, o primeiro e o segundo ano do Colégio Estadual do Campo Heitor Cavalcanti de Alencar Furtado – Ensino Fundamental, do Distrito de Jotaesse, Município de Tupãssi. Ao longo do primeiro semestre do ano de 2017 que as atividades foram desenvolvidas com os estudantes.

Inserido na linha de estudos: “O Ensino de Filosofia: concepções, metodologias e o uso de textos Clássicos”, o trabalho foi desenvolvido a partir de duas frentes: a) discussão com professores das possibilidades do desenvolvimento do trabalho, facilidades e dificuldades na efetivação do mesmo; b) prática de ensino a partir do contido na Produção Didática, de mesmo título, elaborada especialmente para atender às demandas constatadas que inspiraram a construção do projeto em questão. Obra que trazia textos, imagens, atividades, etc. vinculados/as às letras das canções com o propósito de facilitar a aprendizagem dos conteúdos da Disciplina de Filosofia.

As ações pedagógicas procuraram respeitar o contido nas Diretrizes Curriculares de Filosofia, aliadas à proposta de Silvio Gallo, autor que propõe a ideia das aulas de filosofia como *oficinas de conceitos*.

Com base, sobre tudo, nas contribuições advindas do Grupo de Trabalho em Rede - GTR e da Implementação do Projeto na Escola, este artigo se propõe, portanto, como produto final do trabalho de pesquisa desenvolvido ao longo deste período de estudos do PDE.

## **2 A CANÇÃO COMO FERRAMENTA DE ENSINO**

Ensinar conteúdos desta ou daquela disciplina, bem como buscar entender elementos específicos das mais diversas áreas do saber a partir das canções populares brasileiras não é inédito do PDE, nem tão pouco uma particularidade da Filosofia. No primeiro caso, cabe destaque para o artigo final apresentado pelas autoras Fátima Garcia Tessarolo Tamiozzo e Ana Paula Guedes, escrito por ocasião da participação no Programa de Desenvolvimento Educacional - PDE. No texto que tem como título: “Um pouco de música nas aulas de Língua Portuguesa”. Como já antecipado no título do trabalho, o desenvolvimento da pesquisa fora realizado junto às aulas da Disciplina de Língua Portuguesa. A partir das conclusões que as autoras chegaram tomando por base o trabalho

desenvolvido, é possível destacar alguns benefícios para o trabalho didático-pedagógico com canções:

A música é um gênero textual muito próximo do aluno e difere dos outros textos que são usados exclusivamente para exemplificação de fatos da língua e que soam artificiais e fora da realidade. Neste gênero textual reconhecemos as seguintes vantagens: possibilidade de se lidar com um universo textual conhecido, propiciando assim a condução didático-pedagógica na linha da aprendizagem significativa, garantia de abordagem interdisciplinar imediatamente deflagrada entre literatura e música e oportunidade para a discussão das diferenças culturais a partir dos usos linguísticos documentados nas letras de música (TAMIOZZO e GUEDES, 2008, p. 11).

O professor Judson Gonçalves de Lima é Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná – UFPR. Nos últimos anos, tem se dedicado sobretudo à pesquisa em “Música Popular Brasileira, Poesia Brasileira e as relações entre Literatura e Cinema. No texto: “Não é música, é canção”, esse autor apresenta algumas das muitas áreas de interesse de estudos que têm como fonte a música:

Há outros tantos com interesses os mais diversos: historiadores, utilizando as canções para compreender a constituição de nossa república; músicos que desenvolvem pesquisas sobre a realização musical das canções e literatos que analisam letras - há inúmeras tentativas de comparações com poesias de livro, buscando, inclusive, aproximá-las de movimentos literários; pesquisas sociológicas, educacionais etc. (LIMA, 2010, p. 04).

Em consonância às conclusões de Lima (2010) é importante destacar o avanço da presente implementação em detrimento aos demais trabalhos desenvolvidos junto ao PDE em anos anteriores que tomam por base de estudos envolvendo músicas/canções. Estas pesquisas comumente confundem “músicas” com “canções”, como aspecto próprio do fazer filosófico, não nos furtamos ao serviço do rigor conceitual. Desta forma, para salvaguardar a exatidão no cumprimento do dever, primou-se pela distinção destes conceitos.

### **Porque Canção e não Música?**

Todo o trabalho desenvolvido no Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE optou por fazer uso do termo canção e não música. Ora, este último se refere à uma forma de arte que é o resultado da combinação de melodia, harmonia e

rítimo. Já o primeiro, combina esses elementos com as letras, as quais figuram como um elemento literário acrescentado aquela forma anterior.

Segundo o Dicionário Aurélio Século XXI, canção é a “designação comum a diversos tipos de composição musical popular ou erudita para ser cantada”. Nesse mesmo sentido nos referimos a uma composição musical feita para ser cantada e não, apenas, tocada. Portanto, destinada para a voz humana. Inclusive, ao definir “música” como a “arte e ciência de combinar os sons de modo agradável ao ouvido”, o mesmo instrumento de pesquisa à significados de verbetes, não deixa margem para dúvidas: música está muito mais relacionada à tríade: melodia, harmonia e rítimo, do que propriamente à letra.

Não deixemos de notar, contudo, tanto letra como música são importantes para a concretização de uma obra musical como canção. A autora Solange Ribeiro de Oliveira é professora na Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Coursou pós-doutorados nas Universidades de Berkerley e Carolina do Norte (EUA) e livre docência na Universidade de Londres. No ano de 2002, pela editora Perspectiva publicou o livro “Literatura e Música”. Esta obra procura focalizar as relações entre as duas artes que compõe o título de forma a discutir as aproximações e as diferenças entre ambas. Oliveira (2002, p. 31), afirma “que a principal característica da canção encontra-se na fusão de letra e melodia, nenhuma das duas exercendo função subalterna”.

Para Lima (2010), a “música popular no Brasil é praticamente sinônimo de canção”. Este autor, em um artigo dedicado à apresentar a distinção entre os termos, deixa bem claro que

[...] chamar a canção de música faz com que ela seja sempre posta em um rol de obras e a submete a um rol de análises que não lhes são adequadas, mas sim à música instrumental. Por isso dizemos: Não é música. É canção! (LIMA, 2010, p. 02).

Desta forma, o uso do termo canção é mais apropriado para o tipo de trabalho que procurou ser desenvolvido ao longo do Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE, uma vez que “chamar [...] a canção de Canção, é contribuir para o esclarecimento das especificidades dessa prática artística [...]” (LIMA, 2010, p. 07). Para fundamentar esta afirmação, Lima faz referência à filósofa norte americana Susanne Langer que acreditava ser nas artes, em especial a música, que o ser

humano alcançava sua exteriorização máxima da rede de cognição. Lima (2010, p. 05) cita a obra “Sentimento e Forma”, publicada no Brasil no ano de 1980, para dizer que “é comum a música atrair a atenção para si e se sobrepor à letra, pois está no som (os arranjos, as batidas, etc.) todo o seu potencial estético, e parece, muito mais que o texto, encanta, envolve”.

A música envolve os sentidos e faz despertar sentimentos. Daí a beleza das sinfonias, sonatas, óperas, etc. O interesse pelas palavras, por outro lado, implica em atenção especial, esforço analítico para apreensão de seu conteúdo.

Nossa precisão conceitual, todavia, parece não ser uma das precisões sempre presentes na história da filosofia. Ao consultarmos as obras de alguns filósofos que tiveram reconhecida relevância no tema vemos que a dubiedade conceitual é sempre presente, isso quando a canção chega a ser considerada uma expressão musical, pois, na grande maioria, esses centraram sua análise na música, e não na canção.

## **A Canção/música e a Filosofia**

A canção/música já foi teorizada por alguns filósofos ao longo da história da filosofia. Na obra “A Política”, Aristóteles destaca a canção como conteúdo a ser estudado para formar bons cidadãos (ARISTÓTELES, 1337b). Na realidade o filósofo via a canção como fonte de formação e disciplina para os jovens, valorizando-a como parte do ócio, do entretenimento e do prazer. O autor entendia que a educação era obtida através do hábito. Assim, a prática musical seria capaz de habituar afetos nobres, disciplinadores, elementos muito importantes na formação dos membros da pólis. Contudo, de acordo com sua Teoria da Finalidade, o estudo da canção não pode ser elevado ao extremo porque ela é um meio e não um fim em si mesma.

Outro grande pensador a tomar a canção/música como objeto da filosofia foi Jean-Jacques Rousseau. Esse filósofo do período iluminista entendia a música como um instrumento prodigioso com o qual é possível ensinar e alcançar grandes resultados, sobre tudo, a aprendizagem. Como escreveu o cidadão de Genebra: “O prodígio não está em que não consigamos o que faziam os gregos com sua música, mas estaria, sim, em produzir com instrumentos tão diferentes, os mesmos efeitos”

(ROUSSEAU, 1967, p. 188). É certo, no entanto, que seu maior prodígio neste discurso foi em determinar a melodia como natural e a harmonia como artificial.

Mais recentemente, o alemão Theodor W. Adorno teceu severas críticas ao uso da canção/música como fetiche e mercadoria para o universo capitalista. A canção faz parte da cultura dos jovens estudantes. No entanto, aquelas que comumente são veiculadas nas emissoras de rádio, televisão, canais da internet e afins são, em sua imensa maioria, julgamentos do senso comum. São acima de tudo, um poderoso instrumento da indústria cultural capitalista. Diferentemente do que pensava Aristóteles e Rousseau, elas não têm, assumidamente, a intenção de ensinar conteúdos, sobretudo filosóficos, mas de entreter seus interlocutores. A produção de canções/músicas como entretenimento é uma característica da sociedade capitalista atual, onde qualquer destas, antes de mais nada, precisa, necessariamente, ser “vendável”. Portanto, a música/canção passa a ser mercadoria, com valor de troca e não de uso. E, segundo esse ilustre alemão pensador da teoria crítica:

[...] se a mercadoria se compõe sempre do valor de troca e do valor de uso, o mero valor de uso – aparência ilusória, que os bens da cultura devem conservar, na sociedade capitalista – é substituído pelo mero valor de troca, o qual, precisamente enquanto valor de troca, assume ficticiamente a função de valor de uso. (ADORNO, 1983, p. 173)

Neste contexto, as canções são produzidas numa espécie de necessidade fabricada, onde o princípio orientador é o mercado e não o indivíduo: “as pessoas estariam em busca de uma mercadoria qualquer e não de arte, a escuta havia regredido; em suma, o consumo de música estava fetichizado, como uma calça de marca” (LIMA, 2010, pp. 10 -11).

O professor Marcos Napolitano é formado em História pela Universidade de São Paulo – USP. Os títulos de Mestre e Doutor foram conquistados nesta mesma instituição. Seus estudos em História Social tomam a canção como fonte de pesquisa. Em seu livro “História e Música”, ao discutir o pensamento de Theodor Adorno, conclui: “a questão era que Adorno vislumbrava a música popular como a realização mais perfeita da ideologia do capitalismo monopolista: indústria travestida em arte” (NAPOLITANO, 2005, p. 25).

Em quais aspectos, então, as mesmas podem contribuir com a Educação? Afinal, “a música urbana (“local”) não erudita (“universalista”), foi tomada como fruto



da indústria cultural e tida de antemão como incapaz de produzir arte e experiência estética [...]” (LIMA, 2010, p.11) ou mesmo de ensino e aprendizagem. Seria muita pretensão deste trabalho procurar teorizar a canção enquanto objeto da filosofia?

Diferentemente do filósofo citado anteriormente, a canção popular brasileira é tomada por esta pesquisa como vetor de filosofia. Ou seja, assim como o proposto por Aspis e Gallo (2009), o Projeto PDE implementado não se limitou à canção enquanto objeto de estudo filosófico, mas enquanto meio sensibilizador para os mais diversos objetos e problematizações filosóficas.

Renata Aspis é doutora em educação e professora de filosofia na faculdade de educação da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. No ano de 2009, em parceria com o também doutor em educação e professor no departamento de educação na Unicamp, Silvio Gallo, escreveram o livro: “Ensinar Filosofia: um livro para professores”. Nesta obra os autores focam o ensino de filosofia como experiência filosófica, o que leva à efetivação de aulas mais didáticas. Aspis e Gallo (2009, p. 13) ao escreverem sobre a construção da subjetividade do indivíduo afirmam o papel da tradição e das opiniões do senso comum. Ainda, chamam a atenção quanto às poucas vezes que são debatidos os julgamentos desta forma de conhecer sem criticidade.

Em casa, na escola e na rua, em todo o convívio social, cada ser humano vai lentamente construindo sua subjetividade. Assim, cada um de nós tem contato com as tradições, com as opiniões correntes do senso comum, com os conhecimentos das ciências que a escola tanto enfatiza. Além disso, nós todos estamos hoje intensamente à mercê da roda-viva da indústria cultural, hipnotizados, produzindo e consumindo, produzindo e consumindo. Porém, poucas vezes algum de nós é convidado a pensar sobre a pertinência dos julgamentos do senso comum, sobre os critérios, procedimentos e razões das ciências, pensar criticamente sobre o significado de nossas ações e pensamentos. Quem pode promover esse tipo de pensar sobre o mundo é a filosofia (ASPIS e GALLO, 2009, p. 13).

A canção é um elemento do senso comum, sem criticidade. Entretanto, sempre são compostas tendo um tema como pano de fundo. São exemplos: os relacionamentos amorosos e sexuais; as questões de gênero; as profissões; as aquisições financeiras; as condutas de indivíduos; os ensinamentos tradicionais; o trabalho; a história, etc. Em uma análise mais aprofundada, é possível perceber em determinadas letras, conteúdos que se aproximam de críticas já desenvolvidas por estudiosos ou mesmo incitam à discussão de temas consagrados das humanidades. Por isto, um campo fértil para ser explorado pela Educação.

As Orientações Curriculares para o Ensino Médio destacam este potencial quando menciona o interesse dos jovens pela música e apontando como ela pode contribuir com o trabalho desenvolvido pelo professor na sala de aula:

A construção coletiva do currículo que se busca no novo ensino médio encontra na música uma forte aliada. Em razão do interesse que os jovens têm por música, a escolha coletiva de temas a serem trabalhados nas aulas, constitui uma possibilidade interessante. (BRASIL, 2006, p.195):

Para além dessa possibilidade Snyders (2000, p. 68) defende que a música deve ser promovida na escola como forma de conduzir os estudantes às grandes obras clássicas. “É preciso promover na escola, a partir da escola, a ‘grande’ música do tempo dos jovens. É bem provável que os alunos cheguem às obras-primas do passado a partir da admiração pelas obras-primas do presente”.

## **O Ensino de Filosofia a partir das canções**

Não faz muito tempo que a Filosofia figura as matrizes curriculares das instituições de ensino pública brasileiras como disciplina obrigatória na grade curricular do Ensino Médio. Foi a lei 11.684, de 02 de junho de 2008 que fixou essa obrigatoriedade. Esse contexto político legal revela como essa atividade é importante para a formação dos jovens. O que faz com que a Filosofia ganhe tamanha importância na formação educacional dos jovens? Deleuze e Guattari (1992, pp. 161-162) afirmam que a Filosofia é uma atividade racional que tem como função principal a produção de conceitos. Conforme os escritos de Aspis e Gallo (2009, p. 14), a Filosofia é uma atividade criadora “que nos leva a criar conceitos, é pensamento que confere significado à cultura na medida em que pratica sua síntese conceitual, sendo assim, em cada época, a sua verdade”.

Aspis e Gallo (2009, p. 13) sustentam que a “filosofia seja um meio para dar sentido à cultura de um determinado tempo”. Por isto o seu ensino na escola é importante. Com o intuito de afirmar essa importância, estes autores enaltecem o potencial que a disciplina tem a dispor:

Por meio do ensino de filosofia para os jovens, podemos incentivá-los a pensar por si mesmos, ou seja, podemos introduzi-los na prática de

determinados instrumentos que os levem a poder pensar de forma autônoma, autoconsciente, a pensar com abrangência, profundidade e clareza. Podemos colaborar com a destreza de seu pensamento em fazer análise, síntese e relação, pensamento aberto e ciente da sua dimensão histórica. Pensamento este que tece o significado do mundo a partir de questões simples sobre os problemas, como: o que é isto? Por que isto é assim? Por que pensamos que isto seja assim? (ASPIS e GALLO, 2009, p. 13).

O governo brasileiro, através do Ministério da Educação – MEC publicou no ano de 2006 um documento base para os encaminhamentos teóricos envolvendo a Disciplina de Filosofia. As chamadas “Orientações Curriculares para o Ensino Médio”, apresentam o objetivo desta área do saber, vinculando-o ao aprimoramento da capacidade de responder à situações corriqueiras:

O objetivo da disciplina Filosofia não é apenas propiciar ao aluno um mero enriquecimento intelectual. Ela é parte de uma proposta de ensino que pretende desenvolver no aluno a capacidade para responder, lançando mão dos conhecimentos adquiridos, as questões advindas das mais variadas situações. Essa capacidade de resposta deve ultrapassar a mera repetição de informações adquiridas, mas, ao mesmo tempo, apoiar-se em conhecimentos prévios. (BRASIL, 2006, p. 29).

Silvio Gallo, em uma publicação do Ministério da Educação – MEC, do ano de 2010, propõe o ensino de filosofia em sala de aula focado no conceito e sua produção. Segundo este autor, esse exercício poderá levar o aluno a produzir o que a atividade filosófica, em última análise, se propõe a fazer, a saber: a criação de conceitos.

Proponho focarmos o ensino no conceito e em sua produção, no ponto de partida do pensamento, isto é, nos problemas que os motivam. Trata-se, então, de realizar com os estudantes o movimento de pensamento próprio da atividade filosófica, a criação conceitual. (p. 163).

A Disciplina de Filosofia no Ensino Médio, portanto, vai além da mera transmissão de conteúdo. Ela deve ser capaz de estimular no aluno a atividade criadora, de forma que este busque a solução de problemas, apoiado nas concepções filosóficas, nas mais distintas situações do seu dia-a-dia. Esta forma de conceber a Disciplina de Filosofia no Ensino Médio defendida pelo MEC, vem ao encontro do que já fora antecipado do pensamento de Deleuze e Gatarri, a saber: o conceito, fruto da atividade filosófica, como forma de equacionar racionalmente os problemas vividos. Portanto, afirma Gallo, “[...] a

filosofia justifica-se por oportunizar aos estudantes a experiência do conceito, a possibilidade de exercício do pensamento conceitual” (2010, p. 163).

Tendo em vista toda esta importância, não seria muita pretensão propor o uso de canções populares brasileiras como instrumento didático para o ensino de filosofia aos estudantes do Ensino Médio?

Fazer uso da canção como instrumento didático, não significa abrir mão de elementos fundamentais do ensino de filosofia, como é o caso da leitura de textos filosóficos. Afinal, a criação deve estar apoiada nos conhecimentos filosóficos específicos. Por isto é importante o estudo do pensamento filosófico dos grandes autores da história da filosofia. Para que haja essa familiaridade dos educandos com a filosofia, no entanto, é preciso que estes aprendam a gostar de filosofia.

Nossa tese é de que as canções podem tornar os conteúdos e textos da história da filosofia mais atrativos na medida em que podemos fazer a análise dos conteúdos que as canções transmitem e a inter-relação das mesmas com os conteúdos da filosofia, e de que isto pode ser feito nas escolas, na Disciplina de Filosofia. Por exemplo: as músicas que tem como tema principal a “Felicidade”, as quais podem ser inter-relacionadas com a filosofia aristotélica que interrogou sobre o “Sumo Bem”; as músicas do Funk Ostentação e do Sertanejo Universitário, que tratam do “consumismo desenfreado”, podem ser confrontadas com as discussões da “Teoria Crítica” da “Escola de Frankfurt”; as músicas da MPB e do Pop Rock que tratam da história política do Brasil, de atitudes de indivíduos frente situações de conduta, podem nos aproximar das discussões filosóficas da política e da ética; etc.

Desta forma, as canções populares brasileiras podem ser utilizadas como um instrumento de sensibilização dos estudantes. Aquilo que irá fazer a ponte do conteúdo proposto e os textos filosóficos. Conforme os escritos de Aspis e Gallo (2009, p. 15):

Uma sensibilização pode ser pensada como a primeira etapa do curso na qual o professor pode trazer o interesse dos estudantes para o tema escolhido. Isso poderá ser feito a partir do uso de diversos materiais como textos que não foram, originalmente elaborados como filosóficos: letras de música, poesias, literaturas, textos jornalísticos, assim como filmes, etc. É aqui que o professor aproveita para aproximar o universo do aluno às questões filosóficas. A partir da provocação de inquietações ou do aproveitamento das inquietações já existentes, o professor mostra que a filosofia pensa a vida, o significado de tudo, os valores humanos, o pensar

humano, e faz com que os alunos fiquem intrigados com o tema que será estudado posteriormente (ASPIS e GALLO, 2009, p. 15).

Assim se evidencia que é possível fazer uso das canções populares brasileiras em sala de aula. Quiçá o ensino de filosofia poderá ganhar maior volume e densidade a partir da inserção da canção popular brasileira. Afinal, mesmo sem a pretensão de encerrar a questão, este estudo procurou apresentar um forma mais efetiva e próxima da realidade do aluno para o ensino da disciplina de filosofia no ensino médio. Não é segredo o fato de existência de diversas publicações que procuram apontar formulas para ensino dessa disciplina em sala de aula, como se este trabalho tivesse uma receita pronta. Ao contrário, cada abordagem poderá trazer consigo elementos úteis ao trabalho do professor e cada profissional poderá apropriar-se daquilo que lhe for mais útil a partir do contexto de suas turmas. Com isto, o uso da canção popular brasileira como ferramenta didático-pedagógica para o ensino de filosofia pode favorecer ao desenvolvimento de aulas mais didática ou mesmo ao aperfeiçoamento das práticas pedagógicas dos professores. Afinal, esse uso didático das letras das canções populares fomenta, para além do resultado esperado com as aulas de filosofia, uma valorização da canção como aspecto da cultura brasileira e um enriquecimento do senso crítico dos estudantes enquanto público alvo da produção cultural.

### **O Desenvolvimento do Projeto de Intervenção a partir do Grupo de Trabalho e Rede – GTR e a Implementação Pedagógica**

Considerando que a canção é tida por muitos jovens alunos como algo prazeroso, a proposta de utilização de canções para o ensino de Filosofia teve como pretensão a promoção de uma maior interação entre os alunos, favorecendo-os a exercer mais facilmente à criação de conceitos. Em outras palavras, favorecer a melhoria do aprendizado dos conteúdos da Disciplina.

Existem formas diversificadas de trabalhar os conhecimentos filosóficos nos currículos escolares. Por isso, os conteúdos estruturantes devem ser trabalhados na perspectiva de fazer com que os estudantes pensem os problemas com significado histórico e social e analisem a partir dos textos filosóficos que lhes forneçam subsídios para que pesquisem, façam relações e criem conceitos. (PARANÁ, 2008, p.53).

Para a concretização desta empreitada, o Projeto de Intervenção, intitulado: “A Canção Popular Brasileira como ferramenta Didático-Pedagógica para o Ensino de Filosofia”, foi elaborado com vistas à sua implementação junto às turmas do primeiro e segundo ano do Colégio Estadual do Campo Heitor Cavalcanti de Alencar Furtado, do Distrito de Jotaesse, no Município de Tupãssi. A própria constituição do Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE, de acordo com Paraná (2012, p. 07), inclui a elaboração de um material didático, a Produção Didático-Pedagógica. Esta é “direcionada para a Implementação do Projeto na Escola”. Assim, é um documento de “elaboração intencional do professor PDE ao organizar um material didático, enquanto estratégia metodológica, que sirva aos propósitos de seu Projeto de Intervenção Pedagógica na Escola” (Paraná, 2012, p. 08).

O desenvolvimento do trabalho procurou contar com uma metodologia que pudesse promover a aquisição de conhecimento a partir da troca de experiências, ou seja, a participação coletiva e o trabalho interativo, onde as representações sociais dos alunos são valorizadas (Paraná, 2008). Afinal, a sala de aula pode ser um espaço ideal para a formulação de problemas e consequente busca por soluções, numa perspectiva crítica.

Tal reflexão enseja analisar a função do professor de Filosofia no Ensino Médio, que consiste, basicamente, em pensar de maneira filosófica para construir espaços de problematização compartilhados com os estudantes, a fim de articular os problemas da vida atual com as respostas e formulações da história da Filosofia e com a criação de conceitos. (PARANÁ, 2008, p. 53).

A elaboração do material destinado ao trabalho em sala exige a compreensão de elementos importantes. Nas palavras de Paraná (2012, p. 08) “o professor precisa ter clareza quanto à intencionalidade de sua produção, buscando a fundamentação teórica e os encaminhamentos metodológicos a serem apresentados, de forma a garantir a sua aplicabilidade na realidade escolar”. A Produção Didática, elaborada no formato de “Unidade Didática”, procurou considerar as Diretrizes Curriculares Estaduais de Filosofia, que procura organizar os temas a serem trabalhados em conteúdos estruturantes.

A Unidade Didática desenvolve um tema, aprofundando-o de forma teórica e metodológica. Compreende um ou mais conteúdos da disciplina/área em foco, desenvolvidos sob uma perspectiva metodológica para o público alvo

da implementação do Projeto de Intervenção na escola (Paraná, 2015, p. 05).

Os conteúdos desenvolvidos foram: “Mito e Filosofia”, para o primeiro ano e “Ética”, para o segundo. A perspectiva metodológica procurou seguir as concepções defendidas por Aspis e Gallo (2009), na obra “Ensinar Filosofia”. Com isto, as canções serviram, num primeiro momento, para sensibilização inicial por ocasião da atuação do professor em sala de aula e, logo em seguida, como apoio para a interpretação dos temas filosóficos.

As canções escolhidas para fazerem parte da produção procuraram atender ao conteúdo das mais diversas formas: como é o caso de “Sonho de Ícaro”, interpretada por Byafra; e “Quatro Vezes Você”, da banda Capital Inicial. A primeira, o título já remete ao período do surgimento da filosofia em meio a cultura politeísta grega. Por isto foi escolhida para trabalhar o conteúdo: “Mito e Filosofia”. A segunda, por mais que o nome não dizer muita coisa, o conteúdo de sua letra, em especial a pergunta: “o que você faz quando, ninguém te vê fazendo ou o que você iria fazer se ninguém pudesse te ver?”, propicia uma grande reflexão ética. Foi com este propósito que a mesma passou a fazer parte do material que trabalhou o conteúdo: “Ética”.

Para o conteúdo desenvolvido com o primeiro ano, segue abaixo as canções que fizeram parte do material didático e os conteúdos que as mesmas possibilitaram trabalhar com os alunos:

<b>FICHA TÉCNICA</b>	<b>CONTEÚDO TRABALHADO</b>
<b>Canção:</b> Sonho de Ícaro <b>Composição:</b> Carlos Roberto Piazzoli, o Piska. <b>Interprete:</b> Byafra <b>Gênero:</b> MPB	O surgimento da Filosofia e os mitos gregos
<b>Canção:</b> Tocando em Frente <b>Composição:</b> Almir Sater e Renato Teixeira <b>Interprete:</b> Almir Sater <b>Gênero:</b> Moda de Viola	Filosofia Socrática
<b>Canção:</b> Momentos <b>Composição:</b> Victor <b>Interprete:</b> Victor e Léo <b>Gênero:</b> Sertanejo Universitário	Produção filosófica no por ocasião do surgimento da Filosofia.
<b>Canção:</b> Epitáfio <b>Composição:</b> Sérgio Britto <b>Interprete:</b> Titãs <b>Gênero:</b> Rock	A importância de não se perder tem e valorizar o momento atual para tudo, inclusive, a produção filosófica.

<b>Canção:</b> AA UU <b>Composição:</b> Marcelo Fromer e Sérgio Britto. <b>Interprete:</b> Titãs <b>Gênero:</b> Rock	O “Ócio” como atividade destinada àqueles que produzem filosofia.
---	---

Os conteúdos trabalhados com a turma do segundo ano puderam contar com três canções de mesmo nome: “Felicidade”, mas de estilos musicais distintos, cantadas por Caetano Veloso, Fábio Jr. e Seu Jorge serviram de base para ilustrar as concepções aristotélicas sobre o Bem-maior que o indivíduo procura alcançar nesta vida. A “Eudaimonia” ou Felicidade foi a resposta dada por este filósofo em seus escritos.

Abaixo as canções que fizeram parte do material didático e os conteúdos trabalhados em sala:

<b>FICHA TÉCNICA</b>	<b>CONTEÚDO TRABALHADO</b>
<b>Canção:</b> Quatro vezes Você <b>Composição:</b> Dinho Outro Preto <b>Interprete:</b> Capital Inicial <b>Gênero:</b> Rock	Ética e moral
<b>Canção:</b> Que País é este. <b>Composição:</b> Renato Russo. <b>Interprete:</b> Legião Urbana <b>Gênero:</b> Rock	A ética na política
<b>Canção:</b> Sete Palavras <b>Composição:</b> Luizinho Rosa <b>Interprete:</b> Pedro Bento e Zé da Estrada <b>Gênero:</b> Moda de Viola	As éticas religiosas
<b>Canção:</b> O Mineiro e o Italiano. <b>Composição:</b> Tião Carreiro e Pardinho. <b>Interprete:</b> Tião Carreiro e Pardinho. <b>Gênero:</b> Moda de Viola.	As éticas religiosas
<b>Canção:</b> Felicidade. <b>Composição:</b> Lupicínio Rodrigues. <b>Interprete:</b> Caetano Veloso <b>Gênero:</b> MPB  <b>Canção:</b> Felicidade. <b>Composição:</b> Giancarlo Bigazzi / Raffaele Riefoli <b>Interprete:</b> Fábio Jr. <b>Gênero:</b> MPB Romântica  <b>Canção:</b> Felicidade.	A ética aristotélica



<b>Composição:</b> Seu Jorge.	
<b>Interprete:</b> Seu Jorge.	
<b>Gênero:</b> Samba.	

As canções foram apresentadas seguidas de uma contextualização, seja por parte da época em que a mesma fora composta e/ou grava, seja por aspectos relevantes da biografia/discografia seus interpretes e/ou compositores. Estes elementos foram importantes, uma vez que a obra não pode ser analisada separadamente do contexto, enfim: “não podemos esquecer de pensá-las em conjunto e complemento” (NAPOLITANO, 2005, p. 96).

Com o intuito de dinamizar o trabalho em sala, além das canções e seu contexto, a Produção Didático-pedagógica apresentou diversas atividades para o trabalho individual ou mesmo coletivo dos alunos: debates sobre as letras das obras musicais, pesquisas em materiais diversos ou mesmo através do uso do laboratório de informática para busca nos sites de pesquisa. Diversos clipes musicais e vídeos vinculados aos temas abordados foram veiculados.

As canções, os vídeos, as atividades disponibilizadas e todas as ações envolvendo a Produção Didático-pedagógica, foram acompanhadas por orientações regulares junto à Instituição de Ensino Superior. Para o processo de construção do material didático, as discussões estabelecidas com o orientador foram fundamentais para a concretização daquilo se acabou se tornando o guia para a implementação do Projeto PDE. Os encontros de orientação para acompanhamento e encaminhamentos dos trabalhos é uma característica do todo curso. Ocorrem não apenas por ocasião desta etapa do curso, ao longo de todo o Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE:

Processo que ocorre em todos os períodos do Programa na sede da IES ao qual o professor PDE está vinculado. Momento em que devem ser discutidos os encaminhamentos de cada uma das atividades/produções a serem realizadas pelo professor PDE no âmbito do Programa. Com os subsídios da análise das mesmas serão emitidos, pelos professores orientadores, os respectivos pareceres sobre a produção dos professores PDE. (Paraná, 2012, p. 08).

Uma vez concluída a elaboração da Produção Didático-pedagógica, a mesma foi disponibilizada aos professores da Rede Estadual de Ensino, inscritos no Grupo de Trabalho em Rede - GTR para que estes pudessem apresentar suas contribuições para a melhoria do material.

## O Grupo de Trabalho em Rede - GTR

O Grupo de Trabalho em Rede, é um curso totalmente online (formato EaD) que tem como base o trabalho desenvolvido no PDE. O professor pesquisador é o tutor que disponibiliza aos seus cursistas, ao longo de três módulos: o projeto de pesquisa, a produção didática e um relato de implementação. De acordo com Paraná (2012), a proposta é de que o tema de estudos e os materiais de trabalho seja analisados e discutidos em grupo para, em última análise, serem viabilizadas melhorias a partir das contribuições de cada um dos participantes.

O Grupo de Trabalho em Rede (GTR) constitui uma das atividades do Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE) e se caracteriza pela interação a distância entre o professor PDE e os demais professores da rede pública estadual de ensino. **Objetivos:**

- articular o referencial teórico com as propostas de ações apresentadas no projeto de intervenção pedagógica e na produção didático-pedagógica;
- contribuir para o aperfeiçoamento dos professores da rede, mediante estudo das proposições dos professores PDE;
- propiciar aos participantes do GTR o redimensionamento da prática pedagógica, a partir das intervenções do professor PDE e de suas produções;
- viabilizar mais um espaço de estudo e discussão do projeto de intervenção pedagógica, da produção didático-pedagógica e da implementação do projeto na escola;
- permitir as colaborações do professor da rede nas elaborações do professor PDE, de modo a redimensionar o quadro teórico-metodológico adotado, bem como as ações previstas inicialmente, de maneira que o projeto do professor PDE possa encontrar sustentação na prática pedagógica;
- estimular a aproximação da Educação Básica e do Ensino Superior, por meio da ação dos professores orientadores no GTR. (PARANÁ, 2017).

Essas discussões entre os pares quanto à pertinência do material, seu formato e conteúdo, são importantes porque, entre outras coisas, também “constituem mais uma possibilidade para o desenvolvimento de práticas pedagógicas inovadoras nas escolas públicas paranaenses” (PARANÁ, 2017).

Vale ressaltar, ainda, que o GTR é um momento dedicado para a socialização e discussão coletiva de outros aspectos que envolvem a pesquisa do professor PDE. Como é o caso das situações surgidas em relação ao trabalho em sala de aula, isto é, a implementação do projeto.

O GTR tem o intuito de socializar as produções realizadas pelos Professor PDE durante o Programa, a saber: Projeto de Intervenção Pedagógica, Produção Didático-pedagógica, bem como questões específicas sobre a

Implementação Pedagógica na Escola. Essa ação visa a democratização do acesso aos conhecimentos teórico-práticos específicos das áreas/disciplinas do Programa escolhidas pelo Professor PDE. (PARANÁ, 2012, p. 12).

Foi em um dos fóruns realizados ao longo deste curso que uma primeira dificuldade para concretização do Projeto de Implementação veio à tona. O professor VRT, participante do GTR como aluno cursista indagou:

A autora, quando defende a criação de conceitos está, mesmo que indiretamente, recuperando ideias exploradas por Gallo e Kohan, que por sua vez estão tomando a criação a partir da perspectiva deleuziana e, isso quer dizer que a criação de conceitos só é possível na filosofia. Canções e músicas fazem parte do universo da arte e, portanto, seguindo o horizonte conceitual deleuziano, só permitem produzir afetos. (VRT, GTR, 2017).

Sem dúvidas, como o já antecipado pelo Projeto PDE e dito por outro cursista, o professor CJCS (GTR, 2017): “assim como Gilles Deleuze também trata em sua obra "O que é Filosofia?" separa a arte da Filosofia, porém a arte pode ser provocadora e problematizadora dos problemas filosóficos!” Tendo isto em mente e considerando os objetivos do Projeto de Implementação, os próprios professores participantes desta formação no formato EaD concluíram:

Acredito que as canções e músicas podem ser utilizadas como provocações, pois, para autora, o professor deve provocar e, a linguagem musical carrega consigo essa potencialidade, mas, jamais o poder de criar conceitos.

Desta forma, a socialização dos documentos produzidos ao longo do curso por ocasião da realização do Grupo de Trabalho em Rede – GTR, serviu para potencializar uma importante discussão sobre aquilo a que o trabalho se propôs: ensinar Filosofia a partir do uso de canções populares brasileiras. Chegando a conclusão de que o trabalho pretendido era importante. A professora D. de L. e S. (GTR, 2017) afirma:

O projeto de intervenção pedagógica chama atenção ao afirmar que “as manifestações artísticas influenciam a vida das pessoas”. Contudo, além de representar um desafio à afirmação é pertinente na medida em que podemos utilizar a música como ferramenta na prática pedagógica referente à disciplina de filosofia. O autor propõe utilizar a canção popular brasileira visando contextualizar aspectos da realidade social, cultural e econômica dos alunos vinculando a música a conceitos filosóficos. Como exemplo, a canção: "Sonho de Ícaro", citada no Projeto de Intervenção Pedagógica: A canção popular brasileira como ferramenta didático-pedagógica para o

ensino de filosofia (DIAS, p.4). Através dessa canção é possível relacionar a música com a mitologia grega, por exemplo, características dos mitos gregos, importância para a sociedade, bem como as diferenças entre os mitos e a filosofia. Nesse contexto através da música é possível “ler filosofia como se lê poesia, revivendo-a: ressuscitando-a, emocionando-se com ela, reinventando-a” (ASPIS, 2004, p.308). Logo, a música pode ser utilizada como intervenção pedagógica.

Outro participante do curso, procura apontar a relevância dos objetivos presentes no projeto e as referências bibliográficas que lhes dão sustentação, bem como a importância das canções escolhidas e a forma como o documento se propõe a trabalhar os conteúdos, sobre tudo ao tocante, as estratégias de investigação e suas articulações:

Considero como relevante e que justifica o projeto o que está expresso nos objetivos específicos, precisamente o item: [...] Promover a canção como forma de sensibilização dos alunos para o desenvolvimento de uma leitura crítica das concepções ideológicas presentes nas letras das mesmas [...] (DIAS, 2016, p. 5). Assumindo o referencial teórico que Dias assume como sua fundamentação, especialmente Aspís e Gallo, e, ao eleger as canções que eleger, sua proposta se torna persistente e consistente, destacando aqui a Canção Seguindo em Frente, que por si só já vale por muitas horas de discussão, de reflexão e de debates. Além disso, valem suas estratégias de investigação e apropriação de significados, de conceitos, sua articulação com outras linguagens como entrevistas e vídeo-clipes, bem como o uso de uma rede social para ampliar e amplificar a discussão e a reflexão. (VRT, GTR, 2017).

## **A Implementação do Projeto de Intervenção Pedagógica na Escola**

Como já antecipado, a implementação aconteceu no terceiro período de realização do Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE no Colégio Estadual do Campo Heitor Cavalcanti de Alencar Furtado. As ações planejadas foram bem recebidas pelos alunos, de forma que seu desenvolvimento transcorreu como o esperado. Com isto, é importante destacar como que as fragilidades e problemas observados por ocasião da criação do projeto começaram a ser superados, promovendo a “a melhoria qualitativa do ensino e da aprendizagem na escola de execução do Projeto” (PARANÁ, 2012, 09).

Ao longo da implementação o material didático elaborado para este fim foi sendo utilizado: as canções foram veiculadas e as atividades desenvolvidas. A grande maioria dos alunos não conheciam aqueles artistas que fizeram sucesso com suas canções em épocas mais longínquas da atual. As canções, porém, já haviam

sido ouvidas em uma ocasião e outra. Por mais que se tratavam de pessoas desconhecidas, o que chamou mais a atenção dos alunos foram os textos referentes à contextualização da composição das canções. Estes apresentaram aspectos como: assassinatos (cinematista da Rede Record de Televisão e o compositor Piska; o pai do cantor Fábio Jr. que era taxista e foi morto enquanto trabalhava), mortes trágicas (além do pai assassinado, o cantor Fábio Jr. perdeu a então namorada por ocasião do incêndio no Edifício Joelma em São Paulo), criação de termos de uso comum (além de compor o hino do time de futebol “Grêmio Portoalegrense”, Lupicínio Rodrigues é o criador do termo ‘Dor de Cotovelo’), exílio político (Caetano Veloso e a época da Ditadura Militar no Brasil), etc. o interesse pela pesquisa e conseqüente estudo do conteúdo, foi aguçado, por exemplo, quando a biografia do compositor Piska, revelou que este cancionista havia sido acusado de assassinato e a canção “Sonho de Ícaro” havia sido composta tendo como pano de fundo a vida pessoal do autor e não, propriamente, o mito grego. Neste contexto, a busca pelo conhecimento, no caso o conteúdo disciplinar que trata da “passagem do mito para a filosofia”, foi motivada com o propósito de encontrar alguma relação entre o relato alegórico e a letra da canção.

Um dos objetivos do Projeto de Intervenção é a contribuição para a melhoria da aprendizagem dos conteúdos da Disciplina de Filosofia. A certeza de que este fora atingido é presente a partir da constatação de que os alunos, ao ouvirem qualquer uma das canções que foram executadas e trabalhadas em sala, em qualquer outro ambiente e fora do contexto educacional, fazem com que os mesmos lembrem do conteúdo trabalhado na disciplina. Foi o que a aluna D. C., do segundo ano, afirmou: “professor, ontem ouvi no rádio a música “Felicidade” do Fábio Jr. e lembrei das suas aulas do começo do ano”.

Esta certeza é confirmada quando, ao se dar conta que o conteúdo referente à “Ética Deontológica” fora trabalhado, mas sem o auxílio de qualquer canção, os mesmos têm a preocupação de sugerir algumas composições que poderiam ser aproveitadas para favorecer ao aprendizado da teoria apresentada por Immanuel Kant sobre o agir humano. Segundo a aluna do segundo ano, D. C.,

A música ‘Dia Especial’, cantada pelo Tiago York fala sobre o assunto que nós estávamos estudando outro dia, de Kant. Como o professor não colocou nenhuma música para ensinar isso e como eu estava escutando as músicas dele, porque eu gosto muito deste cantor, achei que essa fala bem

certinho daquilo que nós estudamos de Kant sobre Ética (D. C., aluna do segundo ano).

Diante destas e outras tantas constatações, é importante dizer como o trabalho foi bem desenvolvido e conseguiu atingir aos seus propósitos. Portanto, uma experiência positiva que merece o devido crédito e não deve ficar restrita somente ao projeto de Implementação Pedagógica desenvolvido ao longo do Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE ou a Disciplina de Filosofia.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A preocupação com a aprendizagem não é algo novo na história. A busca por estratégias diferenciadas de ensino também. A aquisição de conhecimento é resultado de dois processos: o ensino e a aprendizagem. Sendo assim, é comum o surgimento de muitas estratégias que se apresentam como adequadas ao ensino e que, conseqüentemente, irão levar ao resultado final da aprendizagem. Não restam dúvidas de que o conhecimento pressupõe o domínio de linguagens diferenciadas. Afinal, não existe um único caminho para a busca do saber. Sendo assim, as canções populares brasileiras podem ser assim concebidas e, portanto, um recurso para o professor atuar em sala de aula? Uma vez inserida no contexto educacional de forma planejada e organizada, tem condições de motivar o interesse do aluno à pesquisa? A música brasileira é capaz de contribuir para a formação de uma consciência crítica nos alunos e, portanto, pode ser utilizada como recurso metodológico de ensino na Disciplina de Filosofia?

O Projeto de Intervenção Pedagógica desenvolvido ao longo do Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE procurou responder a estas indagações. Por isto, propôs algumas estratégias de ação, inclusive com a criação de um material didático, para implementação do projeto ao longo deste ano de 2017 e, porque não dizer, ao longo dos anos vindouros da carreira do magistério. Afinal, sendo positiva a experiência, não existem razões para que essa forma de pensar, conceber e exercer o ensino de filosofia seja abandonada.

O trabalho em sala de aula que procura fazer uso de canções populares brasileiras para o ensino de filosofia exige a valorização dos gostos musicais dos alunos. O respeito a estes gostos é um primeiro passo para que as ações sejam

bem aceitas. Isto, no entanto, não significa as atividades não possam oferecer novas experiências culturais, apresentando canções de diversos estilos. O principal critério para escolha das obras que seriam veiculadas em sala de aula estava no conteúdo presente em suas letras: contemplação de temas passíveis de análise filosófica e relação com conceitos presentes na história da filosofia. Por isto não só os estilos prediletos pelos alunos constaram no rol de canções que foram apresentadas na Produção Didático-pedagógica. Mas as escolhas foram felizes porque cumpriram bem com a empreita assumida. A canção “sertanejo raiz”, a “moda de viola”, não poderiam ser descartadas, afinal, muitas delas apresentam princípios da moral e dos bons costumes valorizados pelos mais antigos. Além diste, alguns ritmos surgidos nos últimos anos, como o “sertanejo universitário” têm chamado a atenção: suas letras nem sempre trazem as melhores lições, pois falam de vidas desregradadas, com muita bebedeira, festas, traições conjugais, exaltação de um gênero em detrimento ao outro, etc. Curiosamente essa característica de rebeldia parece estar no fomento do sucesso, sobretudo, entre o público mais jovem, de idade escolar. Além destes, cabe destaque para as composições do estilo “pop rock brasileiro” que, tendo sua origem no “Movimento Rock Brasil” dos anos 80, desenvolveu um estilo nacional de reproduzir o rock americano, realizando nas canções reflexões que dizem respeito a situações concretas da vida, a conteúdos diretos da Filosofia ou suas áreas de discussão. São exemplos as bandas: “Titãs”, “Legião Urbana”, “Capital Inicial”, além dos mais diversos estilos que fazem parte daquilo que podemos chamar canção popular brasileira. Em poucas palavras, a utilização desta diversidade de estilos foi importante para o sucesso do trabalho desenvolvido.

As aulas não ficaram restritas ao uso apenas de canções como ferramenta didática. Ao contrário, instrumentos como: vídeos, documentários, artigos jornalísticos e textos acadêmicos foram inseridos no trabalho e contribuíram de forma singular com aprofundamento teórico dos temas tratados.

Outro aspecto relevante ao resultado alcançado foi o fato de que as canções utilizadas foram todas contextualizadas em seus aspectos sociais e históricos, sejam por ocasião da composição e/ou gravação das mesmas. A própria Produção Didática traz estes encadeamentos de ideias através de biografias, discografias, históricos. Entretanto, os trabalhos de pesquisa deste tipo de conteúdo por vezes foram desenvolvidos pelos próprios alunos e apresentados na forma de seminário. Estas atividades, juntamente com as aulas expositivas que tratavam da inter-relação

entre os textos filosóficos e as letras das músicas que foram mediadas pelo professor, sem sobra de dúvidas, favoreceram ainda mais a aprendizagem dos conteúdos.

Por fim, é importante deixar claro como as leituras de textos, os debates dos temas filosóficos, as aulas expositivas, entre outros, foram sempre fecundos, revelando resultados importantes para a aprendizagem: os conteúdos foram mais facilmente apreendidos por parte dos educandos. As avaliações que procuraram abranger todas as atividades desenvolvidas: desde o momento da sensibilização inicial, passando pela participação, dedicação ao desenvolvimento das atividades, elaboração de textos e, nestes, a criação de conceitos filosóficos.

A Implementação do Projeto, realizada no Colégio Estadual do Campo Heitor Cavalcalnti de Alencar Furtado, do Distrito de Jotaesse, Município de Tupãssi, revelou que o uso de canções populares brasileiras com recurso didático pode ser adequado à todas as séries do Ensino Médio, não só ao primeiro e segundo ano, turmas na qual o mesmo foi desenvolvido. As demais disciplinas escolares poderiam, sem dúvidas, fazer uso deste recurso ao longo de toda a formação escolar do educando.

#### **4. REFERÊNCIAS**

ADORNO, T. W. **O fetichismo na música e a regressão da audição**. In: Textos escolhidos. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

ARISTÓTELES. **Política**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

ASPIS, R. P. L.; GALLO, S. **Ensinar filosofia: um livro para professores**. São Paulo: Atta Mídia e Educação, 2009.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio**. Brasília: MEC/SFE, 2006, v 3.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a Filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: ed. 34, 1992.

GALLO, S. **Ensino de filosofia: avaliação e materiais didáticos**. In: CORNELLI, Gabriele; CARVALHO, Marcelo e DANELON, Márcio. **Filosofia: ensino médio**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.



LANGER, Susanne. **Sentimento e forma**. São Paulo: Perspectiva, 1980.

LIMA, J. G. de. **Não é Música, é Canção**. Texto integrante dos Anais do XX Encontro Regional de História: História e Liberdade. ANPUH/SP – UNESP Franca. 06 a 10 de setembro de 2010. Cd-Rom.

NAPOLITANO, M. **História e música**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

OLIVEIRA, Solange. Literatura e música. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2002.

PARANÁ. Secretaria de Estado de Educação. **Diretrizes curriculares da educação básica: Filosofia**. Curitiba, 2008.

\_\_\_\_\_. **Grupo de Trabalho em Rede – GTR**. Disponível em: <http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=503>. Data do Acesso: 09/09/2017.

\_\_\_\_\_. **Produção Didático-pedagógica**. Disponível em: [http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pde\\_roteiros/texto\\_producao\\_didatico\\_pedagogica.pdf](http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pde_roteiros/texto_producao_didatico_pedagogica.pdf). Data do Acesso: 09/09/2017.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Estado de Educação. **Documento Síntese PDE**. Curitiba, SEED, 2012.

ROUSSEAU, J. J. **Ensaio sobre a origem das línguas**. In: Obras J.J. Rousseau, vol, II. Tradução de Lourdes Santos Machado. Rio de Janeiro – Porto Alegre – São Paulo: Editora Globo, 1962.

SNYDERS, G. **A escola pode ensinar as alegrias da música?** São Paulo: Cortez, 2000.

TAMIOZZO, F. G. T e GUEDES, A. P. **Gênero música: estudando a linguagem e sua relação contextual**. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense, 2008. Curitiba: SEED/PR., 2011. V.1. (Cadernos PDE). Disponível em: <[www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=20](http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=20)>. Acesso em 05/09/2017. ISBN